

DOSSIÊ - APRESENTAÇÃO

Norma Sandra de Almeida Ferreira
Campinas, abril de 2020



A (belíssima) instalação do artista mexicano, Jorge Méndez Blake (1974-), representa um muro de tijolos apoiado, no centro, por um livro. O tamanho e a extensão do muro, a quantidade de tijolos dispostos uns sobre os outros e um único livro quebrando sua regularidade e ordenação, impactam quem vê a imagem. Seria esta uma sugestão da força e do poder do livro para distorcer os muros que podem separar povos, culturas, “perigos”?

Na lombada do livro, podemos ler *El Castillo*¹, Franz Kafka, e o nome da editora que o publicou. A escolha desta obra por parte de Blake insinuaria a força e o poder da literatura para desequilibrar muralhas que marcam e dividem territórios, economias, mazelas, pessoas?

Essa combinação de imagens e possibilidades - um único e pequeno livro fechado que é prensado/esmagado por muitos tijolos; uma literatura que pode ser significada quando apropriada pelos leitores; um protagonista que fracassa, na insana luta contra a burocracia e as contradições em um mundo surrealista – nos ajudariam a pensar sobre a força da leitura literária para a compreensão dos fatos que vivemos de forma tão atordoante nesses primeiros meses de 2020?² Poderiam ajudar na compreensão do cotidiano escolar, das práticas que movimentam as

¹ *O Castelo*, romance, foi escrito por **Franz Kafka (1883-1924)**, em 1922 e publicado em 1926. Tem como protagonista o agrimensor K., que é contratado para medir as terras em volta de um castelo, em outro país. No desenrolar do enredo, K. se encontra com misteriosos personagens, movidos por obscuras razões e em sombrias circunstâncias, que o impedem de conseguir o que fora fazer e de ter a autorização para ali viver e trabalhar. É o reconhecido mundo surreal da obra kafkiana, regado pela incapacidade humana de lutar inutilmente contra um sistema burocrático e alienante.

² No momento da escrita desta apresentação, vivemos os assombros provocados pelo vírus Covid19 (chamado também de coronavírus), que invisível a olho nu, transpôs fronteiras e se instalou em todos os países do mundo. A sensação, neste momento, é que vivemos a “Terceira Guerra Mundial”, em que de um lado estão todos os países, independentemente de credos, regimes políticos ou condições econômicas, sociais e culturais, e de outro um vírus, que está provocando incalculáveis e imprevisíveis prejuízos econômicos e sociais.

salas de aulas, das comunidades de leitores e dos objetos que lhes servem como suporte de textos para serem lidos? Qual é o poder da leitura e dos livros para construirmos uma sociedade mais igualitária, mais solidária, mais justa?

Questões como essas têm sido colocadas e amplamente discutidas nos estudos que vêm sendo produzidos por pesquisadores que estão mais ou menos diretamente vinculados ao Grupo de pesquisa *Alfabetização, leitura, escrita e trabalho docente na formação inicial – ALLE/AULA*³. Há mais de duas décadas, o ALLE-AULA tem buscado construir um conjunto de pesquisas para além dos muros – disciplinares, teóricos, metodológicos, temáticos, institucionais – acolhendo alunos da graduação e da pós graduação, dialogando, potencializando, articulando estudos e formando redes de compreensão sobre a cultura escrita, bem como o professor, seu trabalho pedagógico em sala de aula e sua formação.

Entre essas preocupações, por exemplo, compreender a leitura em sua complexidade, multiplicidade, transdisciplinaridade e também em sua singularidade e particularidade tem sido um desafio para o ALLE-AULA. Um conjunto de pesquisas vem interrogando a leitura em interface com a escola, formação de professores, programas e documentos de incentivo à leitura e de educação de leitores, práticas pedagógicas etc. O grupo tem se dedicado à compreensão do funcionamento da leitura, pelas práticas que lhe dão sentidos; pelos sujeitos e instituições que a usam e dela se apropriam; pela materialidade dos objetos em que ela se inscreve; pelos diversos e partilhados modos de ler, enraizados em condições histórica e culturalmente datadas.

Em comum, os trabalhos desenvolvidos no grupo têm colocado a leitura como uma problemática ainda não totalmente resolvida ou democraticamente garantida e, tampouco, qualitativamente equacionada em nosso país. Daí a atualidade de sua temática e a urgência em melhor compreendê-la na sociedade moderna.

Neste número da revista *Linha Mestra*, pretendemos apresentar parte da produção do ALLE-AULA, trazendo artigos produzidos por mestres e doutores que já finalizaram seus trabalhos e que hoje atuam em outros grupos de pesquisas e instituições, por mestrandos e doutorandos que ainda participam das atividades regulares promovidas pelo grupo e pelos professores que coordenam as atividades ligadas ao programa de pós-graduação da Faculdade de Educação, na Unicamp.

Os artigos que compõem este dossiê dimensionam a importância e o valor que a leitura ocupa no discurso social e sua presença desigualmente distribuída quanto ao acesso, à aprendizagem, ao ensino, às instituições que a promovem e aos sujeitos que a movimentam nos polos da recepção, produção e circulação. Movimentam discussões de várias ordens, práticas e apropriações, objetos de leitura impressos ou digitais, projetos e programas no campo das políticas públicas.

Um significativo grupo pode ser organizado com os artigos de Carlos Humberto Corrêa e de Aline Lemos, de Ilsa Goulart e Giovana Cabral, de Rodrigo Guedes, de Nathália Souza, de Mellina Silva e Ana Lúcia Guedes-Pinto. São trabalhos que podem ser aproximados pelo interesse destes pesquisadores em discutir alguns programas dirigidos às escolas públicas e elaborados pelo Governo Federal. Em conjunto, eles ressaltam o significativo investimento financeiro e o impacto pedagógico e cultural que eles promoveram nas últimas décadas em nosso país, apontando alguns desafios a serem enfrentados.

Corrêa e Lemos, por exemplo, inventariaram e analisaram pesquisas realizadas entre 2004-2016 que tiveram como foco os acervos de literatura infantil distribuídos pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), especialmente aquelas que discutem a recepção e

³ Os Grupos de *Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita*, criado em 1998 e *Trabalho Docente na Formação Inicial*, em 2002, situados na Faculdade de Educação, Unicamp, passaram por diversos e variados movimentos de aproximação, decidindo se reorganizarem a partir de 2016, num único grupo, nomeado como Grupo de pesquisa *Alfabetização, leitura, escrita e trabalho docente na formação inicial – ALLE/AULA*.

utilização dos livros. Apresentam os dados e informações dessas pesquisas, destacando: os altos investimentos realizados na compra e distribuição destes acervos; o rigoroso critério (de qualidade literária) empregado para a seleção dos livros; o alcance territorial do programa; o robusto abastecimento de acervos para todas escolas e diferentes níveis de escolaridade. Apontam ainda que apesar da importância e significação que teve o PNBE nas políticas públicas, o cotidiano das salas de aula é pouco revelador de efetivas ações pedagógicas com os acervos e de valorização de um espaço destinado à literatura infantil.

Por sua vez, Ilsa Goulart e Giovanna Cabral, em artigo intitulado *Leitura e docência: a perspectiva do PNAIC na formação do professor-leitor*, buscam compreender as discussões teóricas e metodológicas que envolvem o professor-leitor, analisando as atividades de leitura propostas pelos Cadernos de Formação do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no ano de 2012. Agrupado em coleções, este material de formação se organiza em textos focados na relação teoria e docência, a partir de relatos de experiências e práticas pedagógicas, vivências próprias da cultura escolar, referências e indicações de leitura que caracterizam a área em discussão. A apreciação das autoras é de que este processo de formação do professor-leitor é demarcado por um diálogo (direcionado) a provocar ações leitoras e posicionamentos pedagógicos que se articulam num plano motivacional, intencional e interpretativo.

Também Nathália Souza analisa as contribuições teóricas e metodológicas que se referem às práticas de ensino da leitura presentes nos Cadernos de Formação do PNAIC e nos registros dos orientadores de estudo que acompanharam os professores alfabetizadores nos cursos de formação, em 2015. Sua intenção é compreender aspectos quanto à incorporação e à ressignificação dos conhecimentos relacionados ao ensino da leitura pelos professores participantes do programa, na mobilização, especialmente, das estratégias cognitivas. Pelos depoimentos e comentários dos orientadores de estudo durante o curso de formação de professores, a autora destaca mudanças significativas quanto: aos modos de ensinar a leitura; à apropriação de estratégias, finalidades e especificidades da leitura; à intencionalidade nos momentos de escolha dos tipos de leitura, dos suportes e gêneros textuais; à valorização da leitura com ludicidade e de práticas de letramento; à organização (coletiva) do trabalho pedagógico; ao reconhecimento da relevância da leitura por parte do professor e pelos alunos, bem como na valorização desta prática.

Rodrigo Guedes, além do PNAIC, inventaria políticas e programas de formação continuada que emergiram a partir dos anos 80, tais como: PCN's em Ação, PRALER, TRILHAS, PROFA, Letra e Vida, Ler e Escrever, Pró-Letramento. Percorre as marcas didáticas relacionadas à leitura e à escrita e direcionadas aos professores alfabetizadores nestes programas, considerando sua importância e alcance nas diferentes esferas, nacionais e estaduais. Constrói um percurso histórico destes programas, explorando continuidades teóricas e ações que direcionaram as práticas dos professores alfabetizadores, sobretudo no tratamento didático sobre leitura e escrita e na construção de determinados “perfis” de leitores.

O artigo de Mellina Silva e Ana Lúcia Guedes-Pinto traz em destaque três documentos produzidos pelo Governo Federal e dirigidos à Educação Infantil: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2017, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), publicados nos finais dos anos 90. Apresentam um estudo documental construindo um percurso marcado por continuidades e rupturas entre eles, especialmente nas orientações que se referem ao trabalho pedagógico com a leitura para crianças pequenas. Identificam entre as continuidades, o reconhecimento e o destaque do professor como mediador entre os textos e as crianças, e os livros literários como principal fonte de leitura. Como descontinuidades, as autoras apresentam as

diferentes concepções de leitura adotadas pelos distintos documentos e a ausência de menção ao conceito de letramento como fundamento para o trabalho com a leitura, entre outras.

As autoras Norma Sandra Ferreira e Lilian Martin da Silva também olham para a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, especificamente para o conteúdo de Língua Portuguesa, para os 1º e 2º anos iniciais do Ensino Fundamental, no campo de atuação humana denominado artístico-literária. Mas, diferentemente dos outros artigos que se voltam para os programas oficiais produzindo sentidos para as prescrições, orientações e práticas neles previstos e intencionalmente produzidos para os professores, Silva e Ferreira convocam um outro texto, uma tirinha com o título “Ler é tão bom”, registrada em uma revista em quadrinhos produzida pelo estúdio Maurício de Souza. No plano das representações, as autoras constroem alguns movimentos de análise, interrogando concepções acerca da leitura literária e da educação do jovem leitor. As autoras destacam o modo como um discurso que valoriza a “leitura literária” se apresenta nestes dois materiais, reafirmando-a como uma habilidade individual desencarnada dos suportes a que está vinculada e das práticas culturais que a colocam em movimento e a significam no interior de diferentes comunidades de leitores.

Um segundo grupo de autores volta-se para os objetos de leitura em seus suportes, como livros de literatura, manuais didáticos, como os de Oton Santana dos Santos e Jaine N. Pires e o de Andréa Dalcin.

No campo das representações e apropriações sobre a educação literária e, especificamente, sobre o Romantismo brasileiro, Pires e Santos apresentam um processo de análise do manual didático *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, destinado aos alunos da segunda série do ensino médio de uma escola pública na Bahia. Destacam a força de uma concepção de leitura literária que prioriza aspectos memorizáveis do texto e de uma visão de literatura (Romantismo) legitimada pela tradição escolar, demonstrando a insistência de um modelo de ensino da literatura que pouco problematiza a educação estética do sujeito que se pretende formar (professor e aluno/leitores), entre tantas outras dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar.

Já Dalcin percorre a história do livro ilustrado, no Brasil, trazendo alguns autores e ilustradores que se destacaram, ao longo do tempo. Ela discute a configuração composicional do livro ilustrado em que a diagramação e o encadeamento da narrativa se fazem de forma articulada entre texto e imagem. Aponta que o livro ilustrado potencializa a autoria, tanto do ilustrador quanto do escritor, de projetos gráficos e artísticos altamente valorizados pelo mercado editorial contemporâneo e presentes nos acervos literários distribuídos às escolas pelo Governo, nas últimas décadas. Analisar o percurso histórico do livro ilustrado, no Brasil, segundo a autora, é condição para compreendermos esse nicho que produz um encontro entre imagem e palavra, que vê o ilustrador como escritor de imagens e que traz em seu projeto gráfico a descoberta da materialidade do livro enquanto objeto.

No plano das práticas, a leitura da literatura no contexto escolar é preocupação investigativa de Cláudia Daibello e Cláudia Ometto, como também de Thais Siqueira e, ainda, de Valéria Aveiro do Carmo.

Para Daibello e Ometto, a leitura da literatura pode ser uma experiência de fruição pessoal e subjetiva, capaz de formar leitores singularmente sensíveis e críticos, na escola. Para tanto, é preciso colocar sob suspeita os discursos que valorizam a importância da leitura em si mesma, que a limitam como uma atividade exclusivamente prazerosa ou como exercício de identificação de aspectos literários explícitos no texto, entre outros. As autoras propõem um trabalho pedagógico com ênfase em práticas de leitura significativas para os alunos, em que eles possam fazer escolhas de acordo com seus interesses e gostos “pessoais”, que possam diversamente apropriar-se dos textos, que possam construir formas privilegiadas de conhecimento de si mesmo e de compreensão do mundo.

O artigo de Thais Siqueira, intitulado *O protagonismo juvenil como forma de reaproximar o adolescente da leitura*, traz e discute práticas de leitura com alunos dos anos finais do ensino Fundamental 2 (8º e 9º anos), de escolas públicas, na cidade de São Paulo. O objetivo da autora foi (re)aproximar os adolescentes do gosto e interesse pela leitura da literatura, no interior de um projeto político pedagógico proposto por ela. As relações dos jovens com as práticas de leitura foram construídas a partir do que Siqueira denominou de “protagonismo juvenil”: promover uma experiência de autonomia, de pertencimento a um grupo, de participação efetiva nas ações, de dar voz e autoria próprias aos jovens alunos e de escuta de suas necessidades e reivindicações, por parte do professor.

O estudo de Valéria Aveiro do Carmo particulariza a questão da recepção de textos e da formação de leitores de literatura em relação ao suporte. Traz como diferencial das demais autoras, a preocupação com o impacto de compreensão e de desenvolvimento do gosto dos leitores, quando o texto se apresenta a eles pelo suporte digital. Alerta para a potencialidade deste suporte que integra hipertextos, com imagens e sons associados à palavra, que explora conexões entre linguagens e que favorece uma abertura e pluralidade de sentidos com forte atração para os jovens leitores. A autora propõe como possibilidade para o ensino da leitura, a adoção pedagógica destas novas tecnologias - ferramentas e aplicativos digitais -, acionando os multiletramentos e as metodologias ativas que podem promover uma interação profícua, prazerosa e múltipla de significações entre os alunos e a literatura.

Ainda no campo das práticas, destacamos o artigo de David Pereira e de Silvana Dias Cardoso Pereira que, diferentemente dos anteriores, põe a leitura como ação formativa em um curso de licenciatura em Matemática. O próprio título do artigo - *Leitura e produção de textos como instrumentos da aprendizagem: Em um curso de licenciatura em matemática do norte do Paraná* - já anuncia a temática que os autores pretendem abordar. Trata-se da construção de uma disciplina, no currículo de Licenciatura em Matemática, para acolher a leitura, a produção de texto e a oralidade como expressão dos sentidos produzidos pelos licenciados no âmbito da relação professor-aluno, como exercícios de aprimoramento dessas práticas, como mecanismos de autonomia, e especialmente, como “transformação profunda de si”. Trata-se da compreensão da disciplina como encontros formativos que mobilizam outras possibilidades de docência ativa e compromissada (na fala e escuta) com a formação do outro.

O artigo *Perspectiva dialógica de educação e de leitura: algumas reflexões*, de Maria de Fátima de Almeida, é o único dos apresentados até então que se insere no campo das concepções e ideias teóricas. Destaca dois grandes estudiosos: Paulo Freire, como educador, e Mikael Bakhtin, como teórico da linguagem (leitura). A autora interroga ressonâncias destas teorias nas práticas educativas do/a professor/a de português, ao trabalhar a leitura na escola. Aproxima estes estudos pelas concepções de leitura possíveis de serem inferidas em Bakhtin e defendidas por Freire como atos dialógicos que pressupõem sujeitos ativos e críticos diante do conhecimento e da produção de sentidos.

São estes artigos, frutos da produção acadêmica dos autores, que nós, do ALLE-AULA queremos compartilhar com os leitores deste periódico. Para nós, dar visibilidade aos nossos estudos é “derrubar” muros que podem separar a universidade e a escola de educação básica, que podem isolar instituições de pesquisa, fragmentar e mitificar conhecimento. Sem muros, nós, pesquisadores, podemos nos colocar em uma situação de provisoriedade do conhecimento, porque abertos para acolher o(s) outro(s), para debater ideias, para evocar o novo e o ausente. E, por isso tudo, queremos agradecer a generosidade da Comissão Editorial da *Revista Linha Mestra* pelo convite para que produzíssemos este dossiê.